

DUAS NARRATIVAS, ALGUMAS POESIAS E DIVERSAS LEITURAS: UM ESTUDO COMPARATIVO DA METÁFORA COMO MEDIADORA NA CONSTRUÇÃO DO LEITOR NAS OBRAS *CIGANOS* E *PEDRO*, DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

Aliana Georgia Carvalho Cerqueira*

Vânia Lúcia Menezes Torga**

INTRODUÇÃO

A literatura preconiza uma linguagem que se apropria de conteúdo ideológico ou vivencial. Assim, pode despertar no leitor aspectos concernentes à vida, ao contexto sócio-cultural. Não há, pois, como desconsiderar dos estudos linguísticos a linguagem que mais representa o homem. Este, em seu dizer elementar, se expressa, fundamentalmente, por metáforas.

Diante dos avanços nos estudos da linguagem, e do direcionamento das pesquisas quanto ao imaginário na constituição linguística, torna-se evidente a necessidade de investigar a leitura literária, inclusive aquela que é denominada infanto-juvenil. Esta compreende um recurso de comunicação formador, pois projeta o leitor para a compreensão e produção de si mesmo e do real. Nesse sentido, destaca-se a prosa poética de Bartolomeu Campos Queirós, em especial *Ciganos* e *Pedro*, e a leitura com a alusão, mediadora da atividade dialógica.

Nos trabalhos desse escritor mineiro, como *Ciganos* e *Pedro*, predominam as narrativas conhecidas como prosa poética. Assim, Queirós utiliza tais recursos, onde predomina, sobretudo, o jogo metafórico, isto é, o recurso estilístico que visa a comunicação em sua função sugestiva.

Não obstante, Bartolomeu Campos Queirós recorre à linguagem da prosa poética para expressar emoções que permeiam o universo infantil, a fim de despertar no leitor o interesse pela leitura, e, então, permitir que ele a signifique, perceba e transforme o real. A partir dessa constatação suscita-se a seguinte indagação: qual a função da metáfora, enquanto categoria que constitui o jogo alusivo, na construção do leitor a partir de *Ciganos* e *Pedro*?

* Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Bolsista pelo programa de iniciação científica PROIC/UESC/FAPESB. alianageorgia@hotmail.com

** Professora Dr^a adjunta do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Mestre e Doutora em Linguística, professora do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações – DLA. vtorga@uol.com.br

Diante desse questionamento, o presente trabalho objetiva relatar a investigação sobre o papel da metáfora, categoria do jogo alusivo, como mediadora na construção do leitor nas referidas narrativas. A proposta do trabalho indica que a pesquisa é eminentemente bibliográfica e tem por método a fenomenologia dialética de Karel Kosik. Tal abordagem é direcionada para a leitura dos textos ficcionais *Ciganos* e *Pedro* e do referencial teórico que deram suporte à investigação, à metodologia e à análise: alusão, dialogismo, estudos sobre a memória, estética e imagem. Logo, seguindo o modelo teórico proposto, objetivou-se compreender o processo de construção do leitor-modelo e do autor-modelo na narrativa poética de Queirós.

Assim, após apresentação dos pressupostos teóricos que fundamentam o estudo, foram pontuadas passagens das narrativas em que é identificada a principal categoria do jogo alusivo: a metáfora, focalizada nos versos descritos e na poesia presente, inclusive, nas imagens gráficas. Assim, foram identificadas as metáforas em cada obra, analisado o jogo metafórico como estratégia de produção e recepção do texto literário. Com base nos trabalhos de Bakhtin (1999), Eco (2004), Joly (1996), Le Goff (1996), Le Guern (1976), Lopes (1935) e Torga (2001), é possível perceber as configurações que permeiam uma linguagem envolvente com traços de infância e mistérios em cada poesia evocada. Após análise geral das obras, a pesquisa se deteve nas especificidades de cada obra, identificando suas metáforas, compreendendo o processo de construção de suas estratégias textuais e do leitor empírico do autor empírico Queirós, para *a posteriori*, lançar mão da análise comparativa.

O presente estudo revela-se pertinente no sentido de que possibilitará uma maior compreensão sobre a narrativa poética queirosiana e, por conseguinte, a literatura infanto-juvenil contemporânea, além de adentrar com maior profundidade no universo da pesquisa da linguagem que tem propósitos de intrigar ou conquistar o leitor e provocar-lhe a construção de um olhar, de um “ver” a si mesmo quando vê no outro (ficcional) a sua “própria imagem”.

DIALOGIA, MEMÓRIA, METÁFORA: ENCONTROS NA LEITURA DA PROSA POÉTICA QUEIROSIANA

Fascinado por ficção, o homem é capaz de construir linguagem que re-significa o real, uma linguagem que atrai por sua elaborada fruição: “... é fácil entender porque a ficção nos fascina tanto. Ela nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado.” (ECO, 2004, p. 137). É esse fascínio proporcionado

pela linguagem que Queirós redescobre a poesia em sua prosa. O leitor, cativado pela palavra, é levado a jogar um jogo por meio do qual pode dar sentido à infinidade de coisas do mundo real, as que aconteceram, que estão acontecendo ou que poderiam ter acontecido e as que vão acontecer. Fazem parte desse jogo o dialogismo e a memória, constituintes da alusão, e a metáfora, categoria do jogo alusivo que pode ser fundamental na construção das estratégias textuais.

O dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. Assim, pode-se interpretar o dialogismo bakhtiniano como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Bakhtin reconhece o papel da língua na constituição do universo significante e o papel da literatura enquanto gênero discursivo privilegiado no que diz respeito à representação da complexa natureza dialógica da linguagem (BRAIT, 1997, p. 99). Essa natureza diz respeito à orientação da palavra em função do interlocutor, logo, a palavra comporta duas faces, seu ponto de partida e seu direcionamento, ela procede de alguém e para alguém. Toda palavra, mesmo a literária ou artística, transmite essa natureza interativa da linguagem: “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.” (BAKHTIN, 1999, p. 113).

No mesmo sentido, Eco discorre sobre a interação no processo/produto de leitura e escrita. O texto prevê um estilo próprio de leitura e de leitor – o leitor-modelo, ao passo de que as estratégias narrativas, textuais, que são construídas com o estilo de escrita do autor empírico, correspondem ao autor-modelo.

[...] o autor-modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer a seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor modelo (ECO, 2004, p. 21).

Igualmente, a interação autor-texto-leitor reporta-nos às idéias bakhtinianas. Ambos os autores pensam o leitor (ou alocutário) na construção da palavra, do texto. Logo, tem-se que ler é interagir. E na perspectiva dialógica da linguagem a teoria de leitura da alusão se insere. A alusão “exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída mnemonicamente pela cooperação.” (TORGA, 2007, p. 194).

Ademais, a alusão, que vai configurando o quadro teórico–metodológico de investigação, é a estratégia mediadora dos sentidos produzidos pelo autor e pelo leitor e indicia as relações de simetria e assimetria que um e outro mantêm entre si. Desse modo, toda configuração a partir do jogo alusivo objetiva a interpretação do leitor, pois, concede ao interlocutor a tarefa de recuperar a fonte com a memória para construir o sentido do texto.

Não obstante, é para compreensão dos fenômenos presentes no *corpus*, os quais contribuem na construção do significado, que se recorre à alusão. Como preconiza Torga (2001), na leitura e na escrita há um potencial intertextual e interdiscursivo que são mediados com a alusão, essa é, de certo modo, a perspectiva teórica que dá conta do caráter inacabado e lacunar do texto. A categoria do jogo alusivo que se destaca em *Ciganos* e *Pedro* – a metáfora – é mediadora da significação nesses textos e indicia o inacabamento que caracteriza o homem e a linguagem.

A narrativa poética aqui investigada é um convite à leitura, à reflexão pela linguagem. Tal gênero narrativo quebra certas regras comuns à prosa tradicional para atingir maior sofisticação semio–linguística ou maior efeito emocional. É uma narrativa que leva à fruição, por meio da variação das unidades semióticas, da articulação de vocábulos, pronúncia, entoação e criação melódica.

Essa é a arte de Queirós: a manifestação da linguagem em sua atualização mais expressiva. Sua narrativa poética destaca–se, dentre outros atributos, pela linguagem metafórica, um recurso indispensável à potencialidade significativa. Nesse aspecto a cooperação do leitor é condição própria de atualização do sentido, visto que, na comunicação os sistemas sígnicos se completam reciprocamente, de acordo com Eco (2004). Portanto, a construção de uma teoria de leitura com a alusão, na qualidade de estratégia de leitura do texto literário, tem sido o de delinear o leitor–modelo e o autor–modelo, dimensionados entre outras categorias, pela metáfora e a metonímia, na articulação linguístico–semântica que operacionaliza a alusão, denotando a perspectiva intertextual de leitura e escrita.

Ademais, os sentidos evocados pela fruição, constituem–se por filiação aos já ditos, isto é, às redes de memória evidenciadas pelo discurso. A linguagem presente na obra de Queirós evoca as redes de memória em seu discurso, através da realização de suas várias combinações possíveis e “impossíveis”, as arriscadas, aquelas que os antigos retóricos caracterizavam como desvio, figura. Porém, ultrapassando os estudos tradicionais da metáfora, vemos que tal categoria não

constitui um modo excepcional de utilização da linguagem, mas sim a maneira como a língua, entremeada de conceitos e idéias metafóricas, funciona. Não há ato comunicativo que exclua as diferenças intersubjetivas, a conotação, o subentendido, a elipse, os excessos de sentido, enfim, os jogos de palavras. Logo, “Ao invés de ser uma imperfeição, é esse risco inerente ao jogo de palavras que viabiliza a possibilidade da melhor, mais bela e mais eficaz compreensão, de melhor comunicação” (LOPES, 1935, p. 7). Assim, nesse aparente desvio que concorre o jogo de palavras, a narrativa de Queirós vai viabilizando bela linguagem que constrói o sentido. Aí reside o caráter das metáforas que se encontram nas obras:

ao obrigar a abstrair a nível da comunicação lógica certo número de elementos de significação, ela permite por em destaque os elementos mantidos; a um nível diferente da pura informação, e através da introdução de um termo estranho à unidade do contexto, provoca a evocação de uma imagem associada que somente a imaginação percebe. (LE GUERN, 1976, p. 25).

Tal evocação, assinalada por Le Guern (1976), exerce impacto sobre a sensibilidade, o sentido introduzido pela metáfora permite escapar à inteligência lógica. Com efeito, a metáfora corresponde a um recurso estilístico na configuração das estratégias textuais, logo, o leitor constrói o sentido a partir das relações semântico-linguísticas do jogo metafórico. A metáfora é a rainha da expressão linguística, parafraseando Le Guern (1976), e nas obras *Ciganos* e *Pedro* é averiguada como categoria do jogo alusivo, estratégia textual mediadora na construção do leitor. Metáfora aqui entendida não como figura de linguagem, mas como recurso misterioso e, portanto, “mais apta para exprimir a intuição poética, com toda sua carga de estranhamento. É esta, possivelmente, a origem da assimilação do caráter poético do discurso com a propriedade metafórica da linguagem.” (LOPES, 1987, p. 25).

Dessa forma, a sedução da narrativa de Queirós propõe imaginação; o estranhamento da leitura converte-se em redobramento da atenção ao ler. A alusão oferece pistas articulatórias, as luzes que acenam para luzes mais fortes. Esta estratégia compreende a utilização de construção da linguagem através das relações metonímicas e metafóricas. Logo, a poesia presente na narrativa de Queirós, alude à reprodução do imaginário e seus subentendidos pelo menino-narrador, narrador autodiegético (no caso de *Ciganos*) e para heterodiegético (em *Pedro*). Nesse sentido, o autor apresenta as vozes da infância para a construção do narrar dotado de intertextualidade, reflexão e autenticidade, a partir do imaginário infantil na memória do artista. Assim, para compreensão das narrativas queirosianas supracitadas é necessário reportar-se ao

conceito de memória, que junto à metáfora perfaz os constituintes do jogo alusivo, fundamental à prosa poética.

Tratando-se de representações da memória, cumpre reportar-nos ao teórico LE GOFF (1996). Para esse autor, a memória é a propriedade de conservar informações; é o conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Destarte, temos que: “o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo”, caracterizado, sobretudo, pela sua função social, pois, “é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 1996, p. 224–225). Não obstante, “antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações da nossa memória.” (LE GOFF, 1996, p. 25). Nesse sentido a literatura queirosiana encontra seu espaço como mantenedor das tradições e conhecimentos sedimentados pelo imaginário: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 1996, p. 477). Assim, observa-se, que um dos principais “ingredientes” da literatura – o imaginário infantil – tem suas bases na memória.

Isso posto, nota-se que as narrativas em análise possuem especificidades linguístico-discursivas. Mesmo o olhar mais ingênuo abstrai algum sentido da multiplicidade de linguagens e leituras que a palavra queirosiana evoca. Considerando o sentido ideológico da literatura e sua amplitude de significados, Bartolomeu Campos de Queirós escreve uma obra, mesmo categorizada como infanto-juvenil, que valoriza o papel do leitor na construção do sentido. *Ciganos* e *Pedro* são textos literários onde se observa a interação de vários discursos.

No plano do projeto gráfico interagem a palavra, o visual e o designer. No texto se intercalam discursos ideológicos, a visão da criança, da redescoberta, da alteridade, da cultura, da visão imposta por heranças sócio-culturais. Não obstante, Queirós propõe com seu jogo metafórico a possibilidade de (des) construção do olhar. Temos então a infância como dimensão crítica, criadora de uma nova realidade a causar estranhamento para (re) significarmos o já-dito no não-dito. Essa é a sua prosa poética, o que existe de inovador tratando-se de literatura dita “de criança”, narrativa contemporânea que cria o poético a partir de metáforas que permeiam o universo infantil, mas não se limitam ao trivial da maioria das obras infanto-juvenis:

Ao lançar perspectivas inovadoras para determinado objeto, as narrativas contemporâneas buscam apropriar-se do poético, através do qual os significados do objeto enfocado e da palavra podem ser transgredidos e atualizados. Esta

proposta dialoga com o olhar infantil, para o qual o mundo é uma perene novidade a ser compreendida, conforme convém ao jogo simbólico e à construção da realidade. (RAMOS, 2005, p. 2)

Assim, as obras evidenciam o imaginário infantil, diálogos com o imaginário popular e as descobertas a partir da construção de um novo olhar sobre o mundo. Nas duas obras a metáfora desempenha papel fundamental, pois sem elas não haveria construção do sentido na vasta possibilidade interpretativa nos referidos livros. Como pontua Lopes (1987), os constituintes da metáfora abrem para vários planos de conteúdo do discurso, assim, tornam-se suscetíveis de se transformar, a qualquer instante, na leitura, num texto autônomo.

***CIGANOS, PEDRO* E AS SUAS LINGUAGENS: DO IMAGINÁRIO INFANTIL À MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA PLENA EM SENTIDOS**

[...] Cada palavra contém muitas leituras e sentidos. O meu texto surge, algumas vezes, a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige. [...] Por isso digo sempre: é a palavra que me escreve. (QUEIRÓS, 2003, p. 3)

Como um observador que ao se encantar pela palavra busca nela novas significações e procura refazer o caminho de quem a escreveu, nesta etapa da investigação nos atemos à metáfora como categoria do jogo alusivo, mediadora na construção do leitor em *Ciganos e Pedro*. Nas muitas leituras e sentidos do texto queirosiano, notou-se o configurar de um autor-modelo que faz o jogo alusivo. Sua ênfase não está na função referencial da narração, mas segue o apelo à função sugestiva. Há interferência na coerência lógico-semântica, bem como na sintaxe. Assim, o leitor não fica paralisado, mas pode perceber as alternativas que lhe são propostas no percurso do bosque ficcional queirosiano: sua narrativa poética.

Ciganos e Pedro, de acordo com Resende (1988), possuem aspectos básicos como infância e poesia, metalinguagem e intertextualidade, em que se sustenta a organização da narrativa poética. Através da palavra, escritor pode expressar uma determinada visão da realidade. Segundo Resende (1988) Queirós mescla fantasia e realidade. Sua literatura é um espaço criativo, cheio de simbolismo e metaforização que não leva o leitor a estar alheio à realidade dimensionada pelo imaginário. O escritor tece a narrativa com uma linguagem poética que, segundo Resende (1988), não é fechada numa leitura linear e imediata, porém “permite ao leitor mais perspicaz e sensível adentrar a camada subjacente à linha sintagmática da estória, que segue sequente ao

nível da narração” (RESENDE, 1988, p. 74). Assim suas obras expõem a concepção de que na infância está a poesia. Ademais, há uma intertextualidade da linguagem inventiva e a linguagem crítica onde se cruzam, dialogicamente, a linguagem e a metalinguagem.

Ciganos: olhares (infantis) de uma viagem distante

Ciganos é a obra poética mnemônica em evidência. A colocação redundante da assertiva é proposital. Sabe-se que, na denominação aristotélica, poesia é imitação. A mimese por excelência na qual a memória é o primeiro fundamento. Enquanto o poeta Hesíodo evoca as filhas da deusa Mnemosine (Memória) – as musas –, para iniciar seu canto poético e desvelar sua narrativa, Queirós desvela seu contar por meio da imaginação. Ademais, *Ciganos* tanto corresponde à narrativa poética, com efeito à memória, bem como destaca em todo narrar o fenômeno mnemônico. A memória, por conseguinte, é a categoria em evidência que possibilita a tomada de consciência do real.

Nessa narrativa, Queirós percorreu o “caminho traçado pela imaginação”. Num olhar mais historiográfico que histórico versou a convite da fantasia: “Nunca aprendi a leitura das mãos, mas, se as contemplo, acerto; sempre pela fantasia.” (QUEIRÓS, 1999, p. 5). Esta importante declaração que prenuncia a narrativa de *Ciganos* abre o caminho metalingüístico e mnemônico da obra. Ora, “a leitura das mãos” alude aos ciganos. Se a leitura das mãos é um mistério desvelado pelo imaginar, a trajetória/história/memória dos ciganos nos são reveladas pelo fantasiar narrativo.

Cumprir mencionar, novamente, os antigos gregos. Para eles o poeta é um homem possuído pela memória, um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É a testemunha inspirada dos tempos antigos, da idade heróica, da idade das origens. Desse modo:

A poesia, identificada como a memória, faz desta um saber... uma *sophia*. O poeta tem o seu lugar entre os “mestres da verdade” e, nas origens da poética grega, a palavra poética é uma inscrição viva que se insere na memória como no mármore. Disse-se que, para Homero, versejar era lembrar. (LE GOFF, 1996, p. 438)

Assim, através do jogo alusivo, em que a memória resgata o sentido, mas com novas impressões, *Ciganos* guarda no plano da narrativa conotações críticas de ordem existencial, de acordo com Resende (1988). Sua metalinguagem e discussão que sua arte instaura na construção do autor-modelo viabilizam outras leituras. Portanto, considerando que a memória se constitui uma das partes na construção de uma teoria de leitura com a alusão, uma estratégia textual que forma o todo de *Ciganos*, a presente análise enfocou o caráter mnemônico dessa obra.

Destarte, nesta prosa poética, observa-se que o jogo alusivo corresponde, sobretudo, às lembranças. O livro é o suporte para a memória, visto que multiplica as experiências do outro. A memória resgata em sua heterogeneidade, o passado. Movimenta o jogo de sentido pela ambigüidade. Há presença do discurso heterogêneo, onde, cada leitor tem uma possibilidade de participação.

A obra apresenta uma metáfora que sintetiza a história do menino-narrado. Levado a meditar sobre o imaginário popular e a representação deste na imaginação do garoto, o leitor, então, constrói a história dos ciganos que transcorre paralela à história do menino. E ambas as histórias que transcorrem simultaneamente dialogam entre si. Ora são intercaladas, ora paralelas em seus olhares e narrares. Enquanto os ciganos se instauram na vila com sua vida intermitente, o menino-personagem sonha com uma vida distante de sua própria realidade e quem sabe próxima da realidade dos ciganos, como bem sinalizara Torga (2007a):

Ciganos nos possibilita várias leituras: uma, que poderia ser considerada convencional e outras que seriam a história dos ciganos, a história do menino e a história de um e outro que se entrecruzam. E como graficamente cada página parece ser dividida por uma linha imaginária, o que indicia essas possibilidades de leituras e sentidos, abaixo da linha gráfica está o sonho noturno do menino-narrador adulto em busca de preencher a sua falta interior. Um menino feito de coragem e medo que enxergava nos ciganos a possibilidade que estes ocupassem o vazio que ele carrega dentro de si. (TORGA, 2007a, p. 200)

Apesar das esperanças do menino, quando os ciganos retornam ao seu lugar de viajantes, o que fica é a realidade fria, que, com o passar dos anos, o menino vê e tem nos seus sonhos as lembranças de um passado de mistérios com promessas de um futuro ditoso.

No início da história narrada já se encontram os mecanismos de confronto e comparação (metáfora e metonímia) na leitura: “Eles deixaram a Índia, alguns diziam, em busca de um caminho para se *chegar ao sol*.” (QUEIRÓS, 1999, p. 6, grifo da autora). Pode-se inferir que a assertiva em tom de mistério, anuncia através da alusão, que o destino buscado pelos ciganos não era um lugar fixo, preciso, mas ainda assim, brilhante. A expressão destacada sinaliza tal entendimento e corresponde à evocação da memória, a qual é pontuada em todo o livro. “Foi no tempo dos ciganos que o conheci. Ele era como a madrugada: perto de acordar, mas ainda cheio de sono. Era um menino feito de coragem e medo.” (QUEIRÓS, 1999). O fragmento supracitado corresponde a uma das muitas passagens do livro em que se podem visualizar belos efeitos de sentido, o jogo alusivo, a metonímia na antítese formada, como estabelece Torga (2007b, p. 1): “O que a alusão e

a intertextualidade fazem, como movimento, é a desestabilização de certos sentidos primeiros para uns outros certos sentidos novos.”.

Assim, a poesia presente na narrativa de Queirós, alude à reprodução do imaginário e seus subentendidos pelo menino-narrador. “Entre sons de violinos e guitarras, de suas bocas partia um canto bonito, em língua diferente que mesmo o silêncio quietava para escutar.” (QUEIRÓS, 1999, p. 12). No fragmento citado há uma metonímia, uma transposição de uma possível expressão “as pessoas fazem silêncio” para “o silêncio quietava”. Mais que evidenciar um mecanismo que opera sobre a linguagem, corresponde a um efeito de sentido, não meramente decorativo, na expressão apontada o silêncio era absoluto diante da música dos ciganos, destarte, a metáfora permite romper as fronteiras da linguagem e dizer o indizível. Neste outro fragmento “Não sei bem de que paisagem ele havia nascido, nem com que paisagem ele andava sonhando. Mas não eram poucos os seus segredos, e seus olhos, estes eram líquidos como eram medrosos os seus gestos.” (QUEIRÓS, 1999, p. 6) observam-se duas metáforas que fazem parte do quadro alusivo da obra *Ciganos*: os olhos não lacrimejam, eles são líquidos, a metáfora, aqui correspondente a “olhos” e o estado físico da lágrima, e a metonímia – gestos/medrosos – conferem realce à idéia de menino que chora e que teme, mostrando o movimento passional de quem domina a linguagem. Assim, é “violando” as regras da prosa que Queirós estabelece sua narrativa e amplia seu leitor-modelo.

O olhar do menino-narrador sobre os ciganos contraria a memória social em torno dos mitos relacionados a este povo. Tratando-se de discurso, a poética presente em *Ciganos* se instaura na tentativa de evidenciar/denunciar determinadas ideologias dos discursos presentes na imaginação do menino-personagem: “O discurso é capaz de matizar a expressão com indícios deste contexto vivencial e deixar ressoar o que não é verbalizado. Assim, a vida se torna expressão através do discurso” (MACHADO, 1995, p. 41). Em *Ciganos*, há a “transmissão da palavra do outro, segundo a multiplicidade dos pontos de visão.” (Ibidem). Aí se instaura a heterogeneidade presente na obra. “A heterogeneidade constitutiva não revela o outro e é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente.” (CARDOSO, 1999, p. 87). Mais explicitamente: “As categorias da metonímia e da metáfora, mais que figuras de linguagem, aludem à heterogeneidade constitutiva na re-construção lingüístico-semântica do movimento de sentido da alusão.” (TORGA, 2007a, p. 198). Todos os elementos do ato comunicativo apontados até então, se integram ao enunciado como elementos indispensáveis à constituição dos sentidos do texto queirosiano, onde é construído o leitor e autor-modelo.

Ciganos tanto corresponde à narrativa poética, com à metáfora, como se destaca, em todo desvelar da história, o fenômeno mnemônico. Nesse sentido, a análise da obra se encerra na investigação do papel da metáfora, que constrói o jogo alusivo e desencadeia a ficcionalidade, da memória, da linguagem que interpõe as ideologias.

Pedro: o artista sob o “vôo” de redescoberta

A verdadeira obra é aquela que provoca, que projeta o leitor para a compreensão e produção de si mesmo e do real. Desse modo, nota-se que em *Pedro*, a linguagem construída é uma maneira de pensar e de viver, mais que ornamento linguístico, é uma projeção imaginária de uma verdade. Ele inicia traçando o estado poético da criança, atribuindo a ela “o coração cheio de domingo”. Nesse ponto pode-se notar a metalinguagem que segue a toda a narrativa: o fazer artístico, a visão da criança coincidindo com o estado de espírito do artista: “Domingo é um estado de ser da criança e do artista no ato da criação, equivalente à transcendência da rotina do que é preestabelecido pela convenção” (RESENDE, 1988, p. 81). Sentimentos múltiplos são narrados nas experiências do pintor infantil. O Domingo é mais “mágico”. Não precisa da borboleta para “viajar”. “Basta ter o vôo delas na lembrança...” (QUEIRÓS, 1998, p. 15). Onde estaria, pois, a memória, nesta necessidade de viajar? Reside no fato de que onde existe a não expectativa acontece o inimaginável. No momento da desobrigação é que nos dispomos a imaginar. “Domingo é dia em que a gente não quer nada e por isso acontece quase tudo.” (QUEIRÓS e OLIVEIRA, 1998, p. 10).

O menino não é chamado apenas por um nome, ele é chamado por várias versões do nome Pedro. Cada versão do nome Pedro sugere uma significação. Assim, o autor metaforiza o sentido do olhar de uma criança nas diversas visões sociais, por exemplo, a visão de cada povo a que o nome se origina, no entanto, muitas outras abordagens podem advir dessa narrativa. Assim, tem-se: (enquanto metáfora) o significado dos nomes Pedro, Pierre, Pietro, Peter, Pether, Petrus. Olhar de menino – brasileiro, francês, inglês, italiano, grego; o significado do Domingo; o significado da borboleta e seu vôo, e, significações mediadas pelo jogo alusivo com as metáforas. É um menino ou são vários? Em Guimarães Rosa, a chave do recado à personagem de “O recado do morro” está no seu próprio nome, segundo Machado (1976), é “A partir do Nome dos homens, do Nome próprio que, é que a mensagem finalmente se esclarece e o recado do morro chega a seu destinatário escolhido.” (MACHADO, 1976, p. 144). Já em *Pedro*, o papel dos nomes próprios não

seguem a função trivial de individualizar o personagem, de identificação, ele permite a circulação do sentido através da obra de maneira poética. Por suas variações nominais, o menino recebe um caráter mais abrangente, não há denotações que o particularizem.

Seguindo a narrativa, o menino pinta o retrato de uma simples borboleta. Esta é uma metáfora do poder de metamorfosear. Nesse sentido, Resende (1988) esclarece que a borboleta da imaginação do menino é metáfora da visão poética com que ele pode ver o mundo e com a qual se instaura o lado simples e misterioso da realidade. É a transformação que acontece no processo de escrita e leitura. Um olhar sobre a arte de criar. Como nossa imaginação se constrói? No percurso da borboleta e no desenvolvimento do olhar e pensamento do(s) menino(s) refletimos nossa condição de leitor. No trecho “As borboletas dos olhos de Pietro são bonitas...” (QUEIRÓS, 1998, p. 6) Nota-se que o olhar da criança re-significa, atribui novo valor/sentido. É através dessa metalinguagem que o narrador explora a poesia, representada pela borboleta, limitada em sua abstração para depois constituir-se artisticamente de acordo com a intenção do poeta: “Era importante para ela ser pintada por um menino. Isto porque lhe disseram que borboletas e menino se parecem em suas alegrias descontroladas.”. (QUEIRÓS, 1998, p. 6) A borboleta representa a metamorfose, bem como a criança: crescimento/mudança, assim como o processo de escrita e leituras.

A simples linguagem de *Pedro* na sua metáfora enriquece a possibilidade de sentimentos porque há grandes abstrações de sentidos. Isto é, seu discurso é híbrido, seus pontos de vista se cruzam dialogicamente. É um texto polifônico, posto que marca a presença de múltiplas linguagens, da ideologia, de expressões da diversidade social. Além da metáfora da borboleta, outras metáforas remetem ao conceito de poesia no sentido da primeira metáfora, como “bolas de sabão” e “arco-íris”. Todas elas sugerem a fantasia, o caráter misterioso, frágil e fugaz da infância. Segundo Resende (1988), elas instigam o desvendamento da face escondida e a fixação nos matizes brilhante.

Há outros elementos que compõem a poética da obra aqui investigada. Há interação entre a palavra e o visual. As ilustrações não são apenas recursos que ajudam na compreensão da palavra, sua função não se restringe ao ilustrar do que está dito verbalmente, mas um diálogo entre as linguagens a fim de produzir sentido atualizando-se como manifestação do imaginário. Considerando que “A imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele,

propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada.” (JOLY, 1996, p. 48), nota-se a aparente disparidade entre o verbal e o imagético.

Cada ilustração em *Pedro*, as pinturas de Sara de Oliveira, aponta o que não é, necessariamente, explícito, mas que pode ser re-interpretado. Visto que, “as relações imagem/linguagem se completam ...uma precisa da outra para funcionar, para serem eficazes.” (JOLY, 1996, p. 115), o leitor constrói o sentido a partir das relações semântico-discursivas estabelecidas pelo diálogo entre palavra e imagem.

Dois obras, muitas metáforas... literatura infantil para adultos?

As obras analisadas quebram certas regras comuns à prosa tradicional, atingindo, assim, maior sofisticação semio-linguística e, conseqüentemente, maior efeito emocional. Todas correspondem à prosa-poética infanto-juvenil, mas não se limitam ao didatismo ao qual está restringida a maioria das obras dedicadas ao leitor infantil. A primeira leitura das obras em análise suscita, a princípio, inquietação, dúvidas, desentendimento, certo desconforto em ler a narração não-linear e densa em imagens poéticas e é compreendida por conta da linguagem utilizada, como pontua Resende: “Distanciando-se de uma tradução lógica e da transparência de uma discursividade conceitual, a sua linguagem, ora cria uma ambiência, que não se capta com a razão, ora guarda críticas implícitas e mascaradas pela fantasia” (RESENDE, 1988, p. 74). Portanto, numa leitura mais profunda ou a partir da perspectiva baseada no “olhar infantil”, nota-se que se trata de prosa poética, e o estranhamento converte-se na redobrada atenção ao ler. É uma literatura livre, sem limitações aos aspectos formais do texto narrativo, é literatura “infantil” que o adulto deve ler.

Desse modo, o escritor em suas narrativas poéticas faz uma retomada à sua infância oculta, por meio do jogo de palavras, do lúdico, do imaginário, da fantasia. Ele remete à infância, assim, busca com isso atingir o plano poético na sua construção artística. Sua literatura de “linguagem sensível, sem extensão discursiva, é fértil de significações metafóricas e de construções que se apóiam na exploração sonora e gráfico-visual” (RESENDE, 1988, p. 75).

Quanto aos discursos, observou-se que em *Ciganos* e *Pedro* se observa a interação de várias vozes, num texto que intercala discursos ideológicos, a visão da criança, da redescoberta, da alteridade, da cultura, da visão imposta por heranças sócio-culturais. Ademais, a metáfora, aqui entendida como principal categoria do jogo alusivo, se atualiza em cada obra, sendo este o

recurso estilístico que visa a comunicação em sua função sugestiva é o que instaura e sugere cada discurso aludido na narração. Há, pois, pela alusão, a metáfora–memória, que re–significa o real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado permitiu a percepção de uma pequena parte da extensa produção literária infanto–juvenil contemporânea, em especial, a de Bartolomeu Campos Queirós. Com a pequena pesquisa pode–se notar porque o escritor mineiro possui uma das obras mais peculiares desse gênero, visto que suas narrativas são construídas numa linguagem específica: fundamentalmente poética.

Por meio da alusão verificou–se a metáfora exerce função essencial na construção da narrativa poética queirosiana. A poesia por ela configurada constrói um leitor autônomo e possibilita leituras diferentes, desde o imaginário infantil à lembrança do passado no adulto, que instaura esse imaginário.

Em todas as narrativas estudadas há uma proposta de (re) leitura. Cada uma em suas especificidades: *Ciganos* se insere metaforicamente junto à memória; *Pedro* é a obra mais poético–metafórica – tudo neste livro é estímulo para “suspeitarmos o mundo”. Assim, cada obra operacionaliza–se pela função poética. Nelas, o autor reserva ao leitor o seu preenchimento. É com esta intencionalidade que, acredita–se, o autor–modelo cumpre, com a função estética, o projeto de escrita/leitura pelo prazer de ler.

Constatou–se a importância da metáfora na construção do universo infantil que constitui o poético das obras. Nesse jogo entre o “mostrar e esconder” do jogo alusivo encontra–se o principal mediador do leitor na significação da narrativa. A investigação não se encerra na proposta que foi desenvolvida, mas abre caminhos para novas inquietações acerca da linguagem que mais representa o homem: a literária.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Pereira Maria E. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 25–107; 327–359; 399–414.

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996. 253p. 1v.

BRAIT, Beth. (org.) BAKHTIN: **Dialogismo e construção do sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Trad. Feist, Hildegard. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. Trad. Cancian, Attílio. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

E-Dicionário de Termos Literários – EDTL. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>. Acesso em 20: abr. 2009.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996. 152p.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. Neves, Célia e Toríbio, Alderico. 6ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LE GUERN, Michel. **La Metafora y La Metonimia**. Madrid: Ediciones Catedra, 1976.

LOPES, Edward . **Metáfora**: da Retórica à Semiótica. São Paulo: Atual, 1986.

MACHADO, Irene. **O Romance e a voz**: a prosaica dialógica de Mikailóvick Bakhtin. São Paulo: Imago/FAPESP, p. 35–77, 1995. (Série Diversos).

MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Ciganos**. 12 ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1999. 24p.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de; OLIVEIRA, Sara Ávila de. **Pedro**. 11 ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1998.

QUINTANA, Mário. **Nova antologia poética**. 12 ed. São Paulo: Globo, 2007.

RAMOS, Flávia Brocchetto. Leitura da prosa poética contemporânea. In.: COLÓQUIO LEITURA E COGNIÇÃO, 2., 2005, Santa Cruz do Sul. Anais. Disponível em: http://www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/anais_2coloquio/leitura_prosa_poetica.pdf> Acesso: 24 Jun 2010.

RESENDE, Vânia Maria. **O menino na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **O movimento de sentido da alusão**: uma estratégia textual da leitura de Ler, escrever e fazer conta de cabeça de Bartolomeu Campos Queirós. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Aludir é melhor que nomear: a leitura e a alusão no texto literário. **A cor das letras**. Feira de Santana, 8., 2007. (a) Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/publicacoes/cor_das_letras/cordasletras_8-2007.pdf> Acesso: 25 maio 2010.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Crônicas de Machado de Assis: pra quem sabe lê, um “pinguêlê”. XI ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC, 2007, São Paulo. Anais. (b) Disponível em: <http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Jogo%20alusivo%20nas%20cr%C3%B4nicas%20oitocentistas%20de%20Machado%20de%20Assis.pdf> Acesso: 18 mar 2010.